

Medicamento, remédio. Será que são a mesma coisa?

Janaíara de Araújo Cunha
Francisco José Figueiredo Coelho
Célia Sousa

*GT interinstitucional Educação e Drogas
GIEESAA/UFRJ/UERJ*

Medicamentos *versus* excipientes

Os medicamentos são produtos tecnicamente elaborados nas farmácias de manipulação ou indústrias farmacêuticas. Essas formulações podem ter diferentes finalidades, agindo de forma profilática (soros, vacinas), curativa (antibióticos, suplementos vitamínicos), paliativa ou para diagnóstico (contrastes radiológicos). Em todos esses casos, o princípio ativo é um fármaco, droga ou substância ativa que apresenta propriedades farmacológicas e é empregada para modificar ou explorar sistemas fisiológicos ou estados patológicos em benefício do indivíduo no qual foi administrado.

Uma curiosidade é que os medicamentos nunca estão sozinhos e você pode notar a composição de um produto farmacêutico lendo a sua bula. Costumam vir acompanhados de excipientes, substâncias

acrescidas ao produto a fim de melhorar a estabilidade ou aceitação como forma farmacêutica. Oliveira (1999) lembra que os excipientes são substâncias inativas – que não têm poder terapêutico. Assim, asseguram a estabilidade e as propriedades físico-químicas e organolépticas (associadas ao gosto, cheiro, cor etc.) dos produtos.

Para você entender melhor, vamos adotar o exemplo do xarope infantil. Quando se compra um xarope para uma criança, aquele produto originalmente pode ser muito ralo (líquido) ou ter um gosto amargo. Nesse caso, a indústria farmacêutica adiciona à formulação substâncias para deixar o xarope mais espesso (espessantes) ou tornar o gosto e a cor mais atrativos e agradáveis (edulcorantes) para as crianças.

Figura 1 – A cor e o sabor adocicado dos xaropes infantis são devido a alguns excipientes



Fonte: <https://tinyurl.com/ubwewx7>

Oliveira (1999) lembra que a indústria farmacêutica tem usado milhares de excipientes. Em plena década de 1990, um levantamento feito na Inglaterra encontrou

3.816 dessas substâncias numa amostra de 12.132 medicamentos. Graças aos excipientes, os remédios analisados apresentavam 710 cores, 896 sabores e 140 odores diferentes (OLIVEIRA, 1999).

E o que isso tem a ver com a bula?

Em princípio a adição desses excipientes é bastante útil e não é preocupante pois é usada em baixas concentrações. Mas, ainda que em poucos casos, podem gerar reações adversas, incluindo hipersensibilidade e até alergias. Por isso, enfatizamos a importância de conhecer os medicamentos usados, sobretudo com crianças e adolescentes. E, para isso, nada melhor e mais prático que ler a bula do produto, seja de um comprimido ou xarope.

Figura 2 – Ler a bula é importante para conhecermos e orientarmos as pessoas



Fonte: <https://tinyurl.com/tq9lf4m>

Na prática clínica comumente essas reações são atribuídas, de forma equivocada, ao princípio ativo do medicamento. Cabe lembrar que nem sempre o medicamento é o causador de uma alergia. Exatamente por isso, as indústrias farmacêuticas são obrigadas a discriminar os ingredientes inativos na bula dos medicamentos e isso não é uma prática recente. Todavia alguns profissionais de saúde não lêem a bula ou não têm noções sobre os excipientes ao prescrever medicamentos. E você, será que tem esse hábito?

E o tal do remédio?

Embora seja frequentemente utilizado como sinônimo, há diferenças pontuais entre um remédio e um medicamento. De forma geral, chamamos de remédios todos os cuidados que ajudam o indivíduo a se sentir melhor. Exatamente dessa palavra surge o termo “remediar”.

O termo “remédio” abarca várias práticas. Podem incluir métodos químicos (medicamentos), físicos (massagem, radioterapia), preparações caseiras (chá, compressa) ou até mesmo ações preventivas. Logo, todo medicamento é um remédio, mas nem todo remédio é um medicamento.

Na famosa “caixinha de remédios” que costumamos ter em casa, talvez existam mais medicamentos do que remédios. O gelo

EDUCAÇÃO sobre DRÓGAS

Aspectos pedagógicos sobre a Automedicação e o Uso racional de medicamentos

que utilizamos para reduzir o inchaço de uma pancada ou o banho frio que utilizamos para abaixar a febre também são remédios, embora não sejam medicamentos. A forma que o gelo ou o banho frio agem no corpo para “remediar” uma situação é diferente da forma que o paracetamol atua. Nesses caso, além de um medicamento, ele também é um remédio.

Mas onde está o risco?

Em todas as ações cotidianas há um risco. E, com o uso dos medicamentos não seria diferente. Ainda que sejam produtos utilizados para a saúde, isso não significa que os medicamentos não apresentem riscos para o bem-estar das pessoas. Além do que falamos anteriormente sobre a importância de se conhecer as substâncias que colocamos dentro de nossos corpos, o uso indiscriminado ou não de um produto sem a devida orientação de um profissional preparado pode ser um problema. Isso configura o que chamamos de **automedicação**.

Para que os medicamentos tenham o efeito desejado, eles devem ser usados de forma correta e com orientação médica e farmacêutica. Devemos utilizar pelo motivo correto, na dosagem correta e nos horários corretos. Caso contrário, podem ocasionar problemas como atraso do diagnóstico, efeitos adversos, intoxicação e até óbito.

A automedicação é um hábito comum no Brasil devido à dificuldade ou limitação de recursos para ter acesso a um serviço de saúde, maus hábitos culturais e a facilidade de acesso à compra de medicamentos sem prescrição médica. Esse é um hábito muito perigoso, pois todo medicamento pode causar efeitos adversos, que podem aparecer dependendo da resposta do organismo e da dosagem.

Dados do SINITOX (Sistema Nacional de Farmacovigilância) apontam para os medicamentos como a primeira posição entre os três principais agentes causadores de intoxicações em seres humanos desde a década de 1990. Cabe lembrar que, em 1999, elas foram responsáveis por 28,3% dos casos de intoxicação medicamentosa registrados (SINITOX, 2000).

Os analgésicos e antibióticos batem o recorde entre os medicamentos mais utilizados sem orientação e/ou de forma indiscriminada no Brasil. Mas certamente isso não seria nenhuma novidade. Não é mesmo? Quase sempre alguém tem em sua bolsa um paracetamol ou uma dipirona para os casos mais singelos de dor de cabeça.

Medicamentos para emagrecer, anabolizantes, medicamentos para disfunção erétil (como o viagra), tranquilizantes e medicamentos para ansiedade são usados

frequentemente e fáceis de se obter. E, sendo um produto de ordem lícita no Brasil, também são produtos de fácil acesso para os adolescentes como aponta os debates de Coelho (2019).

Dentre os medicamentos citados, há os psicoativos, que são aqueles que atuam sobre o sistema nervoso central e afetam nosso humor e comportamento. Esses, dependendo da concentração e tipo de droga, podem reduzir a atividade mental, estimular sua atividade ou causar alterações na percepção, como exemplificado no quadro a seguir:

Figura 3 – Atuações de alguns medicamentos psicoativos

Depressores da atividade do SNC: reduzem a atividade mental. Diminuem a atenção, a concentração, a tensão emocional e a capacidade intelectual. Exemplo: tranquilizantes (ansiolíticos), hipnóticos (soníferos).
Estimulantes da atividade do SNC: aumentam a atividade mental. Produzem vigília e euforia. Exemplo: anfetamina.
Perturbadores da atividade do SNC: causam alterações na percepção. Exemplo: fenciclidina.

Em geral, esses medicamentos tem a prescrição e a venda controladas e devem ser utilizadas com muito critério. No entanto, o uso sem prescrição e orientação médica, além de misturas desses medicamentos com outras drogas não é raro.

O uso de alguns medicamentos tranquilizantes com álcool, por exemplo, podem levar ao estado de coma e causar até mesmo a morte do indivíduo. Os psicotrópicos (que são buscados pelo prazer que proporcionam) apresentam uma tendência para propiciar dependência química, sobretudo para usuários em situação de grande vulnerabilidade psíquica e/ou social.

Como você pode notar, há mais substâncias químicas do que se possa imaginar em um produto farmacêutico. E conhecer as substâncias que consumimos e colocamos em nosso corpo é importante a fim de evitar danos maiores. Estimular as crianças e os adolescentes a lerem a bula e a buscarem fontes adequadas de informação pode ser um caminho preventivo para evitar acidentes. Especialmente em uma sociedade onde parte dos jovens acima de 14 anos fica em casa sozinho ou com outros parentes enquanto seus pais trabalham.

Como aponta Coelho (2019), acreditamos que o diálogo e a troca de informações com os jovens desde cedo pode favorecer um processo crítico de formação, construindo reais espaços de diálogo e aprendizagem sobre drogas dentro e fora da escola.

Referências:

Coelho, F.J.F. Educação sobre drogas e formação de professores: uma proposta de ensino a distância centrada na redução de danos. 245 f. Tese de Doutorado. Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ensino de Biociências e Saúde. Rio de Janeiro. 2019.

Oliveira, P.G.; Storpirtis, S. Toxicidade de excipientes: carência de informação nas bulas de medicamentos disponíveis no mercado brasileiro. **Rev Bras Ciênc Farm** 1999; 35 (supl. 1):71.

SINITOX - Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas, Centro de Informação Científica e Tecnológica, Fundação Oswaldo Cruz. Estatística anual de casos de intoxicação e envenenamento. Rio de Janeiro. Brasil 2000.

Alguns sítios onde você pode saber mais:

<http://portal.anvisa.gov.br/documents/33832/259372/FNFB+2+Revisao+2+COFAR+setembro+2012+atual.pdf/20eb2969-57a9-46e2-8c3b-6d79dccb0741>

<http://portal.anvisa.gov.br/medicamentos/conceitos-e-definicoes>

<https://drauziovarella.uol.com.br/genericos/diferenca-entre-remedio-e-medicamento/>

[https://www2.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/fohetos/drogas .htm](https://www2.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/fohetos/drogas.htm)

<http://www6.ensp.fiocruz.br/visa/?q=node/5499>

https://sgmd.nute.ufsc.br/content/portal-aberta-sgmd/e01_m10/pagina-02.html